



CASA ARQUIVO: BASES INICIAIS PARA PRÁTICAS ARQUIVISTAS EM UMA PESQUISA EM ARTES VISUAIS

EVERTON CARDOSO LEITE¹; HELENE GOMES SACCO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – everton.c.leite@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente texto procura apresentar a pesquisa que está em fase inicial junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na linha Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa concentra-se em meu processo de criação, especialmente em uma produção recente, desenvolvida em diferentes linguagens e que têm sido criada a partir de um arquivo composto por um conjunto de objetos e fotos de família, documentos específicos da minha infância, adolescência e vida adulta, correspondências, gravações de narrativas orais e escritas, diários e registros fotográficos da minha casa, outros elementos do meu cotidiano e acontecimentos que me impactam. Desdobrando-se em ações, tanto com a exploração da imagem ou da materialidade dos documentos, como duplicações, apropriações e interferências manuais e digitais, e com a intenção de promover outro olhar sobre algum objeto, material, espaço ou acontecimento cotidiano. Tendo a casa que resido como um delimitador físico e poético do arquivo, pois todos os itens são alocados e organizados na minha casa, ou ainda possuem uma relação com a mesma.

Neste resumo apresentarei uma parte da minha pesquisa artística relacionada aos modos de habitar a casa, suas narrativas e o cotidiano e a influência dela na produção dos meus trabalhos artísticos.

Entre muitos autores que tratam da casa, destaco a contribuição de Gaston Bachelard (1987, p.200) ao afirmar que:

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através da tempestade do céu e das tempestades da vida. Ela é o corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre em nossos devaneios, a casa é um grande berço.

A casa, em minha pesquisa, é o berço do arquivo, local no qual essa coleção se constitui e se organiza. Jacques Derrida (2001, p.13) identifica a casa, o domicílio, como a primeira morada do arquivo, pois foi “assim, nesta domiciliação, nesta obtenção consensual do domicílio, que os arquivos nasceram. A morada, este lugar onde se demoravam”. Então, a minha casa guardaria a história da minha família, o arquivo com documentos que comprovam que minha família existiu e possibilita tanto conhecer a história quanto compreendê-la.

Na videoarte “Casa pré-fabricada” (figura 1) da artista Iris Helena, uma das referências da pesquisa, a casa é construída através do relato “Dona Genô, uma senhora que migrou na juventude do interior da Paraíba para trabalhar na construção de Brasília e, de Brasília para repousar a velhice na cidade de Olhos D’água, em Goiás” (HELENA, 2015) e também através de imagens das ruínas de uma casa. Na narrativa somos levados a olhar as imagens e construir mentalmente a casa e a história de Dona Genô, vamos passeando pelos cômodos e descobrindo

as transformações e mudança na vida dessa mulher. Assim, a casa é materializada através da oralidade, a narrativa dá vida a casa, a voz gravada arquiva a vida.



Figura 1: Iris Helena. Casa pré-fabricada. Vídeo. 2015. 8'36'

Fonte: <http://www.irishelena.net/casa-pre-fabricada>

Então, sendo assim, o principal objetivo da pesquisa é investigar na relação da casa com o arquivo, as possibilidades que ela apresenta em questões de organização, catalogação e até de soluções para os meus trabalhos. Além disso, as narrativas sobre a casa e sua estrutura física (planta, materiais utilizados na construção, alterações físicas, localização, cor e tamanho dos ambientes etc.), como no trabalho de Iris Helena são elementos relevantes para a pesquisa.

2. METODOLOGIA

A minha prática artística consiste da criação de trabalhos a partir de arquivos pessoais, que constituem de acordo com Priscila Arantes (2014, p.10) em

“[...] um sistema ordenado de documentos e registros, tanto verbais quanto visuais, organizados para determinado fim. [...] ele é usualmente visto como um depositário de documentos, fonte “factual” de uma suposta história a ser contada”.

Os arquivos são montados a partir de coletas de objetos e narrativas que se destacam no meu cotidiano. Atualmente divido os arquivos em três categorias: o arquivo amarelo nápoles, branco de titânio e verde piscina. Os nomes e as divisões se dão por causa da minha casa e as transformações que ela sofreu com o tempo. Em amarelo nápoles, reúno objetos e narrativas da coleção de minha avó materna e de suas casas ao longo da vida. Em branco de titânio, organizo objetos, brinquedos e narrativas da minha infância e da minha casa da infância. E finalmente verde piscina, são objetos, presentes, materiais de construção e narrativas do meu cotidiano e da minha casa nos últimos 5 anos.

Ainda sobre a seleção e coleta dos documentos para os arquivos, os mesmos seguem diversos critérios, sendo o principal a relação com a minha identidade. A psicóloga social Ecléa Bosi (2003, p. 7), denomina esses documentos, como objetos biográficos, que “[...] envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua

vida [...]. Cada um desses objetos representam uma experiência vivida, uma aventura afetiva" do possuidor.

A partir dessa conceituação, os arquivos são proposições para construções de narrativas pessoais, que muitas vezes buscam entender e expor fatos familiares, vivências cotidianas ou reflexões artísticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho artístico Álbum de Figurinhas: casa (figura 2), é um exemplo dos estudos em torno das relações entre espaço (no caso, a casa) e arquivo, uma vez que partiu de experimentos para um arquivo fotográfico da minha casa após ter sido invadida e roubada, gerando um desconforto entre os moradores com o espaço e os objetos.

A partir deste evento, escrevi uma narrativa textual acerca da invasão, refletindo sobre o fato de que a casa tinha sido violada, mas as memórias referentes ao espaço estavam intactas. Em paralelo, iniciei um experimento fotográfico, que consistia em fotografar os residentes posando junto ao cômodo que continha alguma relação afetiva para eles. Também foram adicionados aos registros objetos que se destacavam para as pessoas naquele ambiente, procurando enfatizar as relações de afeto entre as pessoas, os objetos e o espaço. Por fim, reuni os registros, em um álbum de figurinhas, um arquivo, um objeto que possui uma relação com o desejo, no qual proponho um compartilhamento do espaço de uma forma menos invasiva, utilizando de uma narrativa que se constrói entre imagem e texto, que possibilita inserir o sujeito na experiência das memórias da casa.



Figura 2: Everton Leite. Detalhe Álbum de Figurinhas: casa. Fotografia e livro de artista. 2016. Dimensões: 14x21cm (cada), 768x21cm (total).

Fonte: Acervo do artista

Autores que inauguram o pensamento sobre os arquivos, podem servir para dar início a esta reflexão, tais como a contribuição de Michel Foucault, ao assegurar que:

O documento, pois, não é, mais para história, essa matéria inerte que através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado, e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (2012, p.7).

Assim, além de apresentar uma narrativa, os documentos se desdobram em inúmeras possibilidades de investigações, como a formal, a comparativa, a material e a sensível. E os rastros deixados ainda podem se estender a interferências artísticas. Observo também que as narrativas “não estão interessadas em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório” (BENJAMIN, 1994, p. 205), mas possibilitam manter essa coleção aberta para interpretações e alterações.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos no meu processo artístico, principalmente na coleta de narrativas, percebe-se o potencial da casa e do arquivo como ativadores de trabalhos, e que acabam muitas vezes sendo incorporados, ou se tornam essenciais para as construções de meus trabalhos artísticos. As casas apresentadas por Bachelard e Derrida e as noções de arquivo trazidas por Arantes e Foucault possibilitam pensar metodologias próprias para traçar as bases iniciais para o desdobramento do projeto de pesquisa, mantendo-se aberto ao imprevisto, dos *insights*, dos acontecimentos da ordem do acaso inerentes ao fazer artístico e às formas de morar, pois assim que possível o arquivo irá se mover em direção à cidade de Pelotas, gerando novos sentidos e relações com o novo lugar, que certamente engendrará na pesquisa um novo desdobramento, classificação e nomeação. Prevê-se ainda, conexões entre o classificar, narrar, memória e ficção como vias de aprofundamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: Uma impressão Freudiana. Rio de Janeiro, RJ: Relume Damará, 2001

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2012

ARANTES, Priscila. Re-escrita(s)/ na/ e/ da/ Arte Contemporânea. In: **Reescrituras da Arte Contemporânea**: história, arquivo, mídia. Porto Alegre, RS: Sulina, 2015. p. 85 – 196.

BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. In: **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. p. 181-354

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. p. 197 – 221.

HELENA, Iris. **Casa pré-fabricada**. Acessado em 29 de setembro de 2020. Disponível em: <http://www.irishelena.net/casa-pre-fabricadafabricada>